

# O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA 1898

Director e proprietario

Anselmo de Sousa

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899

Secretario da redação

Carlos Callisto

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo 216

Terça-feira 15 de outubro de 1901

Assignatura paga adiantada

Lisboa 6 mezes . . . . .	600 réis
Provincias, 6 mezes . . . . .	680 »
Numero avulso . . . . .	60 »

## TIRO

### União dos Atiradores Civis Portuguezes

#### Parte official

#### Assembléa geral

Sessão em 30 de setembro de 1901

Aos trinta de setembro de 1901, ás 9 horas da noite, na redação do *Tiro Civil*, achando-se presentes os socios constantes da respectiva folha de presença, foi aberta a sessão sob a presidencia do sr. dr. Antonio Manuel da Cunha Bellem.

Foi lida e approvada a acta da sessão anterior.

Foi lido o expediente, constante de agradecimentos pela nomeação a socios honorarios dos ex.<sup>mos</sup> srs. generaes Craveiro Lopes e Ribeiro d'Almeida, coroneis Martins de Carvalho e Rodrigues da Silva, e tenente-coronel Ribeiro Viana, e de uma carta do socio honorario, capitão Alberto Vergueiro, director da carreira de tiro de Lisboa, actualmente no estrangeiro do theor seguinte:

Berlim, 19-9-901.

Meu Ex.<sup>mo</sup> Coronel.

Dirijo-me a v. ex.<sup>a</sup>, como 1.º chefe da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*, sendo, porém, esta carta para todos os consocios.

Um pouco a mais de meio da minha jornada, posso já dizer alguma coisa a respeito do que tenho visto em materia de tiro civil.

Em Inglaterra, comquanto o tiro civil esteja regulado, não me parece que as carreiras sejam muito frequentadas. Existe, um tanto longe de Londres, uma carreira *ad hoc*, porém, só muito tarde e por informações muito especiaes, pude saber da sua existencia. O que me pareceu é que, como em Lisboa, a população londrina se diverte e occupa mais, aos domingos, em longos passeios ao campo, comendo e bebendo em toda a parte, do que no entretenimento do tiro ao alvo.

A Suissa, segundo a minha fraca opinião, fornece-nos melhor exemplo, baseando especialmente a defeza do torrão natal na pratica do tiro.

Logo que se entra na Suissa começam as carreiras de tiro a apparecer, d'um e d'outro lado da via ferrea, com tal profusão que seria longo enumerar-as. São tantas as carreiras como as cidades, as villas e as aldeias, e observei mais que nenhuma tinha menos de 6 linhas de tiro até ao n.º maximo de 68, de harmonia, já se vê, com a população local.

Com esta bella impressão entrámos em Berne, onde uma carreira de 300<sup>m</sup> é julgada sufficiente para instruir os *bernois*. Isto jogo eu, como chalaça, a alguns dos nossos atiradores que só se acham contentes quando atiram para cima de 400<sup>m</sup>, no que aliás, eu não lhes tenho feito a vontade na carreira de Pedrouços. O exemplo da Suissa fortalece-me na minha teima, assás justificada pela precisão das actuaes espingardas de guerra.

Seja, porém, como for, pois não desejo questionar, o que é certo é que a carreira de Berne é em tudo inferior á carreira de Pedrouços, excepto em ter mais linhas de tiro (48) e em ser frequentada por muito maior numero de atiradores, comquanto a população de Berne seja dez vezes inferior á de Lisboa.

Em seguida visitámos a cidade de Lucerne, onde este anno se realisou o grande concurso internacional de tiro, para o que se levantaram installações *ad hoc*. Essas installações consistiam em edificações improvisadas, simulando externamente praças de guerra acastelladas, e interiormente foram apropriadas ao serviço de tiro, de recepção, de cantinas e de diversos serviços especiaes. Um pouco ao longe, á distancia de um kilometro, improvisou-se a carreira com 200



Ernesto Vieira

Distincto professor de musica e illustre musicographo portuguez. Autor do *Diccionario Musical e Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes*

linhas de tiro, não sendo possivel agora dar dados certos sobre o numero de atiradores e consumo de munições n'um concurso que durou dez dias de trabalho intenso. O certo é tambem que no concurso estavam representadas todas as auctoridades superiores da Suissa, todo o corpo diplomatico, todas as sociedades de tiro, etc., e, por meio, julgo eu, de tudo isto, pavoneavam-se em ricos *landaus*, ou a pé, as riquissimas *yankees* cobertas de brilhantes e mais pedraria, bem como as formosas inglezas e mulheres de quasi todo o mundo que, na epocha estival, passam por Lucerne, gosando o fresco das alturas e banhando-se e passeando pelo lago em *guigas* ou no vapor. A noite as festas continuam, tudo em honra do tiro, não faltando os bailes populares, as toadas suizas e os discursos acalorados, como os de v. ex.<sup>a</sup>

N'um dos dias seguintes visitámos Zurich, a maior e mais rica cidade da Suissa, com uma população de 150.000 almas.

A pouco mais de 3 kilometros do centro da cidade acha-se installada a carreira de tiro, que é, no dizer de quasi todos, a melhor da Suissa, pois outros opinam pela de Genebra.

Passando por sobre as rivalidades locais, pôde afoutamente afirmar-se que a de Zurich satisfaz completamente no tocante ao serviço de tiro e ás commodidades do atirador. Como em Pedrouços, o atirador está a coberto e pôde atirar desde 200<sup>m</sup> até 400<sup>m</sup>, aproveitando 68 linhas de tiro. Toda a marcação é feita por signaes homographicos e electricos, de modo a não haver duvida alguma, e embora os alvos se achem assás proximos uns dos outros, ou 2<sup>m</sup> de eixo a eixo.

A combinação de signaes dá perfeita garantia da exactidão da marcação, sendo para desejar que entre nós se fizesse o mesmo para aproveitamento do terreno e, por consequencia do tempo, que depende do numero de linhas de tiro. Os alvos movem-se verticalmente, subindo um quando desce o outro e, automaticamente, desaparecem os algarismos que indicavam o numero de tiros do atirador antecedente. Por

vezes empregam-se tambem os alvos sensiveis ou tombantes, isto é, que cahem logo que a bala lhes toca, o que muito interessa ao atirador. N'um dos planos da linha de fogo está a cantina, parte coberta, parte ao ar livre, onde se fornece toda a ordem de comidas e bebidas, e a qual é servida por mulheres, muito bem postas, de vestido preto e aventaes brancos, e sempre sorridentes para os atiradores, sem outra malicia de maior.

Todavia, por minha parte, não aconselho que em Lisboa se dê tal emprego ao bello sexo, pois o ditado, que não cito, seria certissimo. Por nossa fortuna e pela amabilidade de que, por toda a parte, temos sido cercados, podemos ver mais um exercicio de jovens estudantes, quasi todos de 15 annos ou pouco mais.

A instrução era ministrada na carreira militar, que se encontra ao lado da civil, por officiaes subalternos, dirigidos por um capitão, exactamente como em Pedrouços, salvo o uniforme dos instructores que trajavam á paisana. Os proprios rapazes faziam a escripturação do tiro, os signaes necessarios e cuidavam da sua propria arma, que levam para sua casa, sob a responsabilidade dos paes ou tutores. Em Zurich ha alguns milhares d'estes juvenis atiradores, que recebem, em geral, a instrução por grupos de 100. A arma empregada é a carabina Schimit Robin, porém sem o mecanismo de repetição, que a tornaria pesada e incommoda para os rapazes.

Eis, meu coronel, o que, muito ao de leve, lhe posso dizer em rudes palavras, que outra significação não tem mais do que mostrar a v. ex.<sup>a</sup> e aos nossos consocios que não me esqueço de ver e observar o que mais convem, faltando-me sómente o bom criterio e não o desejo de bem servir o meu paiz.

Sou, com a maior estima e consideração, de v. ex.<sup>a</sup> am.<sup>o</sup> mt.<sup>o</sup> att.<sup>o</sup> e camarada mt.<sup>o</sup> obgd.<sup>o</sup>,

ALBERTO JOSÉ VERGUEIRO.

N. B. — Peço me desculpe a redação e a escripta, pois tudo é feito muito á pressa.

O sr. presidente communica ter recebido do Grupo Patria, um grupo photographico dos seus socios com uma amabilissima dedicatoria á União.

Foi resolvido por unanimidade lançar-se em acta um voto de agradecimento ao illustre director da carreira de tiro, sr. capitão Verqueiro, e ao Grupo Patria.

Na ordem da noute, votaram-se por unanimidade, as conclusões do relatório da gerencia finda.

Não havendo mais assumptos a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, depois de se congratular com a União pelo seu estado de prosperidade, o qual em grande parte é devido á muita benevolencia e decidido appoio, que o actual titular da pasta da guerra lhe tem dispensado.

O secretario  
*Eduardo de Noronha.*

**Commissão Executiva**

ACTA N.º 67  
*Sessão em 8 de setembro de 1901*

A's 9 horas da noute, na redacção do *Tiro Civil*, estando presentes os srs. Anselmo de Sousa, C. Pinheiro, Pedro Ferreira e o secretario abaixo assignado, foi aberta a sessão pelo sr. presidente, lida e approvada a acta da sessão anterior e o programma do concurso da 6.ª filial em Espinho, resolvendo-se: offerecer um premio, assim como pedir ao sr. general Barradas, se digno representar a União no concurso de tiro que em Chaves se realiza no proximo dia 13, promovido pela 9.ª filial.

Não havendo mais assumptos a tratar, foi encerrada a sessão ás 10 horas da noute.

O secretario  
*Eduardo de Noronha.*

**Balancetes mensaes**

JULHO

Recieita:		
Saldo de junho.....	141\$995	
Quotas: cobrança n'este mez	30\$900	
Distinctivos: idem, idem..	12\$000	
Quinta filial:		
s/pagamento.....	32\$870	
Sexta filial:		
Idem.....	3\$800	
Nona filial:		
Idem.....	3\$370	82\$940
		224\$935
Despeza:		
Porte de correio p/c da nova filial.....	\$075	
Despezas miudas durante o mez, percentagem ao cobrador, etc.....	14\$160	14\$235
Saldo para agosto.....	210\$700	224\$935

Lisboa, 31 de julho de 1901.

PELO THESOUREIRO: *Eduardo de Noronha.*

AGOSTO

Recieita:		
Saldo de julho.....	210\$700	
Quotas: cobrança n'este mez	30\$600	
Distinctivos: idem, idem..	4\$800	
Desconto de uma letra de 100\$000 réis no banco de Portugal.....	99\$595	
Primeira filial: s/pagamento.....	10\$000	
Sexta filial: idem.....	3\$200	
Decima filial, idem.....	10\$000	158\$195
		368\$895
Despeza:		
O <i>Tiro Civil</i> : 50 assignaturas de agosto a outubro de 1901.....	15\$000	
Alvo <i>Chevalier</i> : 2.ª prestação.....	80\$525	
Representação em Leiria, em Mafra e no collegio Militar.....	16\$620	
Dourar e pôr pés em distinctivo m/A.....	12\$000	
Premios em dinheiro para o concurso de tiro da escola pratica de infantaria em Mafra.....	17\$500	
Despezas miudas durante o mez, percentagem ao cobrador, etc.....	8\$945	150\$590
Saldo para setembro.....	218\$305	368\$895

Lisboa, 31 de agosto de 1901.

PELO THESOUREIRO: *Eduardo de Noronha.*

**União dos Atiradores Civis Portuguezes**

**Relação dos atiradores a quem deve ser concedida a medalha de prata de frequencia da Camara Municipal de Lisboa em 1901**

Numero da pagina do registro da carreira	NOMES	Numero de vezes que veio a carreira	Percentagem em media		Observações
			Tiro elemental	Tiro especial	
2347	Alfredo Lopes d'Azevedo.....	17	70	67	
1575	Alfredo Temple Barbosa.....	23	75.6	48	
2400	Antonio Capello Galle.....	23	41.8	28.8	
1446	Antonio Correia Pinheiro.....	23	85	63.7	Já teve medalhas 2 vezes
2581	Antonio da Cunha Paredes.....	18	56.7	52.8	
2546	Antonio José Marcellino.....	19	28.8	10	
2459	Antonio Soares Correia.....	19	46.3	30	
2649	Augusto Eugenio Rodrigues.....	17	54.2	43.3	
1500	Augusto Ferreira Pinto Basto.....	23	85	67.1	Idem
2531	Augusto Jorge Fernandes Casanova.....	17	45.3	40	
1949	Caetano Gonçalves Martins.....	17	54.4	24	
2628	Carlos Pinto da França.....	17	43.9	34	
1541	Dario Cannas.....	21	68.5	49.8	
2282	Emilio Kesselring.....	25	—	61.7	Já tem uma vez
1822	Ernesto Santos e Silva.....	17	65.6	28.3	Idem
1937	Francisco Arthur d'Almeida.....	17	45.3	24.2	
1702	Gil Portocarrero.....	27	75	54	Idem tres vezes
2279	Gonçalo Heitor Ferreira.....	28	91.8	76.6	Idem
1460	Gustavo José de Jesus.....	17	80	67.9	Idem 2 vezes
1946	Gustavo Morgado.....	19	47.8	25.9	
2421	Jayme Henrique d'Oliveira.....	17	49	10	
2389	João Antonio Gomes.....	18	41.8	40	
24	João José Callais Grillo.....	21	—	64.3	
1865	Jorge Fortunato Gouveia.....	17	52.8	24	
2401	José Alberto Galvão de Magalhães.....	20	47	15.5	
2486	José Antonio Luiz Fernandes.....	18	66.9	32.5	
2431	José Nicolau Gonçalves.....	30	56.4	43.8	
2056	José Pedro da Fonsoca.....	17	58.3	41.6	Já tem uma vez
1760	Ligorio Silvestre da Silva.....	30	82.8	72	Idem tres vezes
2399	Manoel da Silva Martins.....	20	46	34.4	
1572	Manoel Soares Correia.....	18	82.5	58	
2017	Raul dos Santos.....	25	37.7	39.4	
2413	Rolando Alves Mello.....	19	47.4	24	
2623	Seraphim Alves da Silva.....	19	74	45	

Quartel em Belem, 31 de julho de 1901.

O DIRECTOR INTERINO — *Raul Pinheiro Chagas*, tenente adjunto.

Nota: Este mappa é novamente publicado por ter sahido errado nas percentagens e mappa publicado em o n.º 218.

**Mappa geral das munições consumidas pelos socios no mez de maio de 1901**

N.º de matricula	Nomes	Tiros disparados					Balas acertadas					Percentagem		
		100	200	300	200	300	100	200	300	200	300			
		N.	N.	N.	F.	C.	N.	N.	N.	F.	C.			
1500	A. F. Pinto Basto.....	—	—	—	50	160	210	—	—	—	32	139	171	81.4
2513	A. Correia Pinheiro.....	—	—	—	10	10	20	—	—	—	3	7	10	50.0
1702	Gil V. C. Portocarrero.....	—	30	—	60	60	150	—	30	—	27	46	96	64.0
2431	J. N. Gonçalves.....	—	—	—	60	60	120	—	—	—	31	38	69	57.5
2640	G. J. de Jesus.....	—	—	—	10	20	30	—	—	—	9	13	22	73.3
1591	A. Leuzinger.....	—	—	—	—	20	20	—	—	—	—	13	13	65.0
2282	E. Kesselring.....	—	—	—	—	60	60	—	—	—	—	37	37	61.6
1676	M. Hermann.....	—	10	40	—	10	60	—	8	38	—	8	54	90.0
1779	M. A. Barata.....	—	—	20	10	10	40	—	18	8	9	35	87.5	
1438	C. Garcia.....	—	—	30	50	50	130	—	23	14	32	69	53.0	
1903	A. do Amaral.....	—	—	—	—	10	10	—	—	—	—	4	4	40.0
1531	S. Padesca.....	—	—	—	20	40	60	—	—	—	15	25	40	66.6
1426	H. Mendonça Junior.....	—	20	—	40	40	100	—	16	—	17	34	67	67.0
1116	Florencio Cannas.....	10	30	—	—	—	40	6	14	—	—	—	20	50.0
2486	Fernandes.....	—	—	—	—	20	70	—	—	—	—	13	13	65.0
2638	A. C. Freire.....	—	—	—	10	—	10	—	—	—	—	—	—	00.0
24	J. J. Callais Grillo.....	—	10	—	30	10	50	—	10	—	21	9	40	80.0
	Somma.....	10	100	100	340	580	1130	6	71	79	177	427	760	67.2

Lisboa, 31 de maio de 1901.

O SECRETARIO — *Eduardo de Noronha.*

**Epoca 1900-1901**

**INSTRUÇÃO**

**Estatistica de maio**

Atiradores	ALVOS ELEMENTARES								Percentagem
	Tiros disparados				Balas acertadas				
	100	200	300	Somma	100	200	300	Somma	
224	—	1375	150	1525	—	609	39	648	42.0

Lisboa, 31 de maio de 1901.

O SECRETARIO — *Eduardo de Noronha.*

## VIZEU

5.<sup>a</sup> FILIAL DA U. A. C. P.

No fim do corrente mez realiza esta prospera agremiação um torneio de tiro, na carreira de tiro do regimento n.º 14 de infantaria. E' de esperar que seja muito concorrido tanto de atiradores da localidade como de fóra.

Consta-nos que tem premios: de El-Rei, ministerios do reino e da guerra, um de 20\$000 réis da camara municipal de Vizeu, um da U. A. C. P. e medalhas de cobre na proporção de 1 por 10.

A carreira completamente remodelada, abriu no domingo passado ao exercicio de tiro nacional.

## LOANDA

7.<sup>a</sup> FILIAL DA U. A. C. P.

Esta prospera filial da *União* está organisando um concurso de tiro para o qual conta já grande numero de magnificos premios. O concurso deve-se realizar em novembro proximo.

Entre os socios é grande a animação, preparando-se todos para o proximo certamen que é o primeiro que se realiza em terras d'Africa.

## BENGUELLA

8.<sup>a</sup> FILIAL DA U. A. C. P.

N'esta cidade africana, apesar de ainda não terem carreira official, lavra grande animação entre os socios e esperam com verdadeira anciedade o momento em que possam provar a sua destreza.

O nosso querido amigo o sr. Antonio Joaquim Rodrigues, digno delegado da U. A. C. P. tem sido incançavel em desenvolver a propaganda a favor do tiro nacional. Sabemos que o digno delegado da *União* está diligenciando que em Mossamedes se organice outra sociedade de tiro.

D'aqui felicitamos o nosso bom amigo pelo bom exito dos seus patrioticos trabalhos.

## CHAVES

9.<sup>a</sup> FILIAL DA U. A. C. P.

No domingo, 13, realizou-se n'esta localidade promovido pelo *Grupo Flavia* um concurso regional de tiro. A *União dos Atiradores Civis Portuguezes* solicitou e obteve do nosso amigo o illustre general sr. José de Sousa Barradas a subida honra de a representar; *O Tiro Civil* teve a honra de ser representado pelo dignissimo secretario do *Grupo Flavia* o sr. Syndulpho Carneiro.

Segue o telegram na que recebemos do nosso estimado correspondente:

CHAVES, 13 ás 7 da tarde.—Festa animada e brilhante, foi o concurso regional de tiro civil realisado hoje. Assistiram mais de duas mil pessoas, multissimas senhoras, todas as auctoridades civis e militares, conselheiros Eduardo Coelho e Villaça, general Carmona, capitães de engenharia Xavier Teixeira e Rodrigues Nogueira, toda a officialidade dos corpos da guarnição e officiaes reformados, camara municipal e todas as associações civis d'esta localidade; representantes e correspondentes dos jornaes *O Tiro Civil*, *Primeiro de Janeiro*, *Seculo*, *Voz de Chaves*, *Intransigente* e *Censor*. Representou a *União dos Atiradores Civis Portuguezes* o general José de Souza Barradas que foi recebido á entrada da carreira de tiro pela direcção do *Grupo Flavia* e convidado a fazer parte do jury.

Os premios foram distribuidos pelo commandante militar, coronel Carvalho. Os premiados foram: Syndulpho Carneiro, premio d'El-Rei; Rodrigues Teixeira, premio do ministerio da guerra; Syndulpho Carneiro, premio do ministerio da marinha; Malheiro e Sá, premio do conselheiro Teixeira de Souza; Julio Mello, premio da camara municipal; Joaquim Monteiro, premio da associação commercial; João Faria, premio da *União dos Atiradores*; Manoel Gomes, premio do grupo *Flavia*; Francisco Sarmiento, premio do sr. Sotto Maior; Antonio da Silva, premio do sr. major Cezar; João Gomes, premio do sr. Annibal de Barros; Rodrigues Teixeira e Antonio Fernandes, medalha de prata; Syndulpho Carneiro, João Gomes e Casemiro Teixeira, medalhas de cobre.

É digno dos maiores elogios o intelligente e zeloso director da carreira de tiro o sr. capitão Augusto Carvalho, pela boa ordem e disposição que soube manter durante o concurso.

A festa de hoje ficou gravada agradavelmente na memoria de todos.

CORRESPONDENTE.

D'aqui enviamos os nossos parabens ao *Grupo Flavia*, ao sr. Syndulpho Carneiro e a todos os atiradores.

Os nossos agradecimentos ao sr. general Barradas e ao sr. S. Carneiro pelos obsequios que nos dispensaram.

## CARREIRA DE TIRO

Para se estabelecerem carreiras de tiro para armas portateis foram mandados estudar os arredores do Porto, Vianna do Castello e Valença.

E' mais um relevante serviço que o digno titular da pasta da guerra o sr. conselheiro Pimentel Pinto presta ao paiz.

## ARTES &amp; LETRAS

## ERNESTO VIEIRA

*Professor de musica e distincto musicographo, n. em Lisboa, a 24 de maio de 1848.*

Nobre por nascimento, não recebera, todavia, o grande Alfieri educação litteraria, já se não dirá digna da sua stirpe, mas sequer em termos de lhe proporcionar a revelação dos grandes destinos que o fadavam para vir a ser uma das maiores glorias litterarias da sua oppressa patria.

Gastos os melhores annos da mocidade na dissipação dos prazeres, sentiu, emfim, o glorioso fundador da tragedia italiana soar a hora das grandes revelações. Mestre de si proprio, refeita a educação do espirito no estudo dos grandes escriptores, Vittorio Alfieri, encetando a gloriosa carreira de escriptor tragico, chegou, emfim, com *Virginia*, a obra prima do seu inspirado patriotismo, ao acume da mais bem merecida reputação litteraria e da mais justa glorificação que ainda ahí aureolou a frente de um verdadeiro eleito.

Alguem que o conhecera desde os verdes annos, insuspeitado do altissimo talento do poeta, maravilhado pelas scintillantes revelações subitaneas de um espirito que sempre suppozera incapaz de elevar-se até ao prestigio da gloria litteraria; alguem conta-se que perguntára então a Vittorio Alfieri como conseguira elle tal milagre.

— *Volendo, volendo e firmissimamente volendo!* — respondera o grande tragico.

Esta resposta, revelando-nos o segredo dos grandes genios, nos dá por igual a conhecer o processo mediante cujo beneficio tantos e tantos outros, de bem mais modesto berço, do que o que embalou a puercia do philosopho auctor do *Misogallo*, conseguem penetrar a crosta espessa e dura da vulgaridade, senão para apparecerem de repente no mundo, taes quaes os phantasia o espirituoso Xavier de Maistre, abrindo nos rútilos espaços um livro revelador de novos descobrimentos, ao menos—e quanto significa já, e quanto vale triumpho semelhante!—trazendo para o commum celloiro da Historia, da Poesia, das Artes e dos processos praticos com que se tem ido arrancando á propria Natureza, tantos de seus mais reconditos segredos, os opimos fructos da sua vontade energica, os thesours inestimaveis de seu aturado estudo, a synthese de suas longas meditações e vigílias, os resultados — tantas vezes reveladores — das perscrutações profundas com que se refaz o Passado, se modificam e se esclarecem os juizos da Historia, se restitue á Verdade o seu logar, desfazendo lendas, pulverisando asserções, reconstruindo caracteres, enthronisando o Direito, fazendo, emfim, que no logar da calumnia entre a assentar-se a Justiça!

Bem dita a vontade que taes milagres alcança!

Na lucta contra os mil obstaculos que desde o berço a obsediam, na lucta em que, vencidos os obstaculos, ella tem de

combater tambem contra os homens — miseria mil vezes maior do que todas as outras juntas —; na lucta pela vida, que é uma necessidade, na lucta pela Verdade, que é um ideal, ferrea indomavel, invencivel, a vontade d'estes eleitos do Destino sabe achar novas forças para triumphar, novas forças para vencer, novas forças para glorificar outra Vontade; — a do Supremo Poder, que só por tal condição assegura ao homem e ás suas obras memoria perduravel além da campa.

E' o professor Ernesto Vieira, com cujo retrato se nobilita hoje a Revista — *O Tiro Civil* —, um d'aquelles espiritos que mais conceituosamente justificam as precedentes considerações. Foi um de tantos que, tendo tido modesto berço, pela só força de uma exemplar e tenacissima vontade conseguem fazer da sua humilde e popular origem um florão mais, com que o juizo de contemporaneos se compraz a engrinaldar-lhes, como a mais opulenta das molduras, o bem merecido retrato biographico.

Não entraremos nós, por certo, na immodesta empreza de bosquejar, sequer, um tal retrato. Outros mais competentes o farão um dia, com mais bem aparada e merecida penna. Tal a alcançará, com effeito, o professor distincto que tem passado o melhor de seus ainda não adiantados dias a conquistar, como escriptor da sua arte, a sympathia e o respeito de seus contemporaneos. Tal alcançará decerto o musicographo emerito que deve ter já obtido a reconhecida estima de seus collegas, pelo muito que tem lidado por prestar á Posteridade os elementos com que ella tem de fazer justiça, nos dominios da Musica em Portugal.

Se, porém, uma avisada avaliação das proprias forças, em conspecto com o muito que ha que dizer de bom e de justo a respeito do professional distincto, e do caracter eminentemente cavalheiroso e fidalgo do professor Ernesto Vieira, nos tolhe uma honra a que sinceramente entendemos não dever aspirar, seja-nos licito que procuremos apenas dar ao benigno leitor as razões em que se funda o principal motivo da nossa admiração, pelo professor distincto, decerto, mas principalmente pelo character do homem, elemento primordial e gerador da sua verdadeira importancia no meio portuguez, mercê de seus especiaes e excepcionalissimos predicados de escriptor biographo.

Quantos conhecem de perto o sympathico professor da *Real Academia dos Amadores de Musica* sabem se é ou não digna de celebrar-se a flebil compleção do character do distincto professor; se é ou não para memorar-se a candura ingenua que vive no fundo da sua alma, a modesta simplicidade affectuosa e cordial que lhe grangeia um amigo em cada conhecido, em cada amigo um admirador.

Consoantes com tão apreciaveis predicados, se ligam com elles em perfeita harmonia, como reflexos d'aquella paz intima d'alma, de todo alheia aos tristes sentimentos que tantas vezes denigrem os mais bellos caracteres, os traços physionomicos, a apresentação, a voz, o ingenho persuasivo, a arte, emfim, que se não aprende, que se não ensina, — tão espontanea, tão natural se revela, — de demonstrar, sem se alterar, de raciocinar, sem apparato, de convencer, sem violentar.

Eis como Ernesto Vieira nasceu professor. Para elle, com effeito, o insinuar-se no animo de quem o ouve, amigos ou dis-

cupulos, não é esforço de arte, é dom natural. A modestia que é o cunho de quanto discorre e quanto pensa, presta a tão peregrinos predicados o encanto da sedução. Mestre, é impossível não aprender com elle; amigo, seria difficil, se tal se pretendesse, esquivar-lhe o ascendente.

A este trabalhador da vida, assim tão naturalmente apetrechado para a lucta, não lhe podia ser madrastra a carreira que escolhera, e para a qual se sentia fadado.

Breve se provou o acerto. Alliando a taes qualidades as precisas para compor o typo do homem benevolo, mas brioso, sempre bem intencionado, mas lembrado sempre do que deve á propria dignidade, Ernesto Vieira, professional distincto e professor conspicuo, sóbrio, commedido, estudioso, facilmente satisfeito com a vida, tal qual Deus lh'a concedera, bem poderia contentar-se com as vantagens de uma situação desafogada, em meio do bem es-

jectando tomar logar entre os homens de letras da sua patria.

Ha na biographia de Joaquim Casimiro, do *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes*, de Ernesto Vieira, uma phrase que nos dá o segredo d'este seu grande desejo:—ser escriptor musico; ser musicographo:

«Está-me no animo— escreve— reparar todas as injustiças que possa, porque sei quanto ellas pesam.»

Colhido em flagrante este grande e ulcerado coração de artista!

Da lucta pela vida, Ernesto Vieira trouxe para o remanso da sua consciencia artistica os espinhos da injustiça, tão prompta, ai de nós! em maltratar os homens de valor!

Vingar-se não era para elle; desforçar-se nobremente, sim. Foi o que fez.

Tendo-se já provado escriptor em quasi todos os jornaes musicaes do seu tempo,

Para que nada falte no cortejo de perfidas, que são partilha dos que sincera e devotadamente trabalham por uma causa justa, ouvirá com asco o auctor d'esta prestimosa obra os encomios interesseiros dos que fazem profissão de averiguar de *que lado sopra o vento*, terá de aturar paciente os pareceres caridosos dos *experientes*, e chegar-lhe hão aos ouvidos as opiniões pharisaicas dos que primam em fazer e desfazer alheias reputações...

E é assim que o bom Ernesto Vieira ha de amargar o impulso nobilissimo que o levou um dia a emprehender uma obra de laboriosa reivindicção! E' assim que, por pretender dotar a sua Arte com a chronica honrosissima que lhe assegura tão distincto logar em Portugal, o auctor do *DICIONARIO BIOGRAPHICO DE MUSICOS PORTUGUEZES* ha de soffrer o que soffrem todos os que, movidos pela maior das aspirações, intentam a ardua empreza de expulsar a calumnia do logar usurpado á Justiça!

\*

Ah! que é por tudo isto, exactamente, que a nossa admiração acompanha desde muito, do seio de uma obscuridade invasiva, mas consciente, a obra proficua, corajosa e boa de Ernesto Vieira!

E' por isto mesmo que nós lhe queremos, a este trabalhador imperterritito, que nada mais quiz, senão que triumphasse a justiça; que mais nada pretendem senão satisfazer os impulsos do seu character fundamentalmente bom e corajosamente independente, que a nada mais aspirou, de tanto trabalhar e profundar, investigar e lêr, de tanta canceira que o esperava, de tantas esperanças desfeitas, de tantos desenganos colhidos, senão a attingir o desinteressado e util escopo que se propusera, sem se importar com o juizo dos malevolos, com o discreitar de imbecis, com as fulminações dos invejosos!

E' por tudo isto que nós, se tanto estivesse em nossa obscuridade humilde, o festejaríamos e o applaudiríamos, pois que, vendo em cada pagina do seu livro-modelo um retrato vivo de seu auctor, vemos o transumpto fidelissimo das amaviosas qualidades de seu grande coração; tão grande que nem a propria colera, suscitada pelo spectaculo da inveja mesquinha e da ardilosa injustiça, tem o poder de perturbar-lhe a inalteravel serenidade!

Epitome do que pode a vontade inabalavel, a fé persistente e a devoção perenne por um ideal repassado de nobreza, a obra de Ernesto Vieira, quando não fóra, como é, um modelo de consciencia, de exactação historica e de superior criterio artistico, tornar-se-hia recommendavel só pelo espirito de grande independencia que a distingue, e que é como que o sopro de vida que a toda ella a anima e dignifica.

Que o seu auctor nos perdoe este immodestissimo grito de entusiasmada admiração, que só terá por si a sinceridade com que se desculpa; e que os leitores conspicuos de — *O Tiro Civil* — a tantos dos quaes não será por certo desconhecido o sympathico professor da *Real Academia dos Amadores de Musica*, membro docente do professorado da *Escola Academica*, se compenbrem do espirito de justa admiração que preside á inserção do retrato de Ernesto Vieira nas paginas d'esta revista.

N'uma publicação destinada a manter o fogo sagrado do AMOR PATRIO, em uma das suas mais viris, mais nobres e mais indispensaveis manifestações, fica bem quanto se applique a manter a integridade d'esse sacrosanto ideal.



O desembarque das vencedoras

Regata de Cascaes em 29 de setembro de 1901. Instantaneo do distincto amador o sr. F. Hogan Teves

tar que lhe proporcionavam as muitas licções particulares para que era requestado, os institutos que se honravam de o contar em seus corpos docentes, as funcções, em que os dirigentes se não esqueciam nunca de lhe reservar o logar devido a seu innegavel merito e apreciaveis qualidades.

Todas estas vantagens, porém, que poderiam envaidecer o professional, não bastaram, sem o desnortear, a satisfazer-lhe as aspirações.

Aquella intima voz escutada pelo poeta, aquella doce echo

«Que el alma solo recogida entiende»

fez tambem ouvir na alma d'este artistas que ella só entendia; sons que traduziam um desejo, bem depresso convertido em realidade; — não ser só musico, embora já professional distincto; — ser escriptor tambem da sua Arte.

Escriptor, porém, para auferir d'esta nova profissão sonhados interesses a reunir aos proventos da sua natural posição? Escriptor especulador, mercenario sem cunho, pondo a penna ao serviço de um editor, sem convicções, sem crenças, sem ideal, sem norte?

Não! Não seria — nem foi — para descer tão baixo que um character como o de Ernesto Vieira sonhara nobilitar-se, pro-

fundador, com Michel Angelo Lambertini, do unico jornal da especialidade, actualmente existente — *A Arte Musical* —, do qual é primeiro redactor, tendo produzido varias obras didacticas interessando a arte de que é tão distincto cultor, Ernesto Vieira, que firmara já a sua reputação de professional sabedor, e expositor claro e lidimo, em seu *Diccionario Musical*, pôz, emfim, o remate ao nobilissimo proposito, dando a lume o profundamente bem trabalhado *DICIONARIO BIOGRAPHICO DE MUSICOS PORTUGUEZES*.

D'esta obra, que seu auctor teve a satisfação de ver já consagrada pela critica estrangeira, ajuiza o testetemunho de conspicuos musicographos ser um dos trabalhos mais completos e mais bem feitos, de quantos, no seu genero, se teem produzido na Europa.

Para a levar a termo, quantos annos consumidos em diligencias, quantas buscas, quantas leituras persistentes, por archivos e bibliothecas! Quantas canceiras, quantas sollicitações, quantas despesas até!

Mas... agora, que este notavel trabalho vae prestes terminar, quantos sorrisos de patriotas despidados mais que certamente o irão acolher!

Quantos defeitos lhe não descobrirá a mediocridade indigena, ociosa e inepta; quantos desdens malevolentes o não hão de malsinar!

Honrar, pois, quantos honram a Patria, não desdiz de um tal programma.

Ernesto Vieira, filho das suas proprias obras, tem o seu lugar n'esta honrosa galeria. — Saudemol-o, que é já, tal qual é, um benemerito da Patria!

GOMES DE BRITO.

## EDUCAÇÃO PHYSICA

### Escola Nacional de Natação

Com este titulo vae a redacção de *O Tiro Civil* fundar uma escola de natação, cousa que Lisboa — apesar do bello rio que a banha — não possui. A tarefa é ardua, mas a necessidade do desenvolvimen-



Carlos Duff

Distinto sportsman nautico, secretario do conselho director do Real Club Naval de Lisboa

to dos exercicios physicos na agua, impõe-se por muitas razões, e entre ellas a therapeutica.

Bem sabemos que vamos arcar com muitas difficuldades, mas, permittam-nos e desculpem-nos que tenhamos um pouco de confiança em nós mesmos. Somos teimosos; ha oito annos que vimos modestamente, e sem reclames, trabalhando com amor e pertinacia n'uma obra toda de regeneração da nossa raça e da nossa patria; obra que hoje muito nos envaideceria se fossemos vaidosos, o que Deus tal nunca permita, mas em que temos tido a felicidade e a gloria de vêr alguma coisa feita.

Trabalhámos para fundar a primeira *Associação de Atiradores Cívicos*, e vencemos; depois veio a *União* das associações de tiro, que nós conseguimos fazer e cujos resultados hoje todos conhecem. No sport da caça, empenhámo-nos e luctamos para que hoje existam essas duas associações que se fundaram, prosperaram, e ahi estão prestando relevantissimos serviços; por ultimo, a *União Velocipedica*, de pura iniciativa nossa, que hoje vemos robusta e triumphante, apesar de mil difficuldades... de varias especies.

Agora era preciso fazer alguma cousa mais que não estivesse feita, alguma cousa que não parecesse, sequer, que vinhamos derimir competencias com outras associações já existentes, ou seguirmos as pizadas d'estas aproveitando-lhe as iniciativas como é vulgar, por isso fundamos a *Escola Nacional de Natação*, e, apesar dos mil obstaculos que vemos no nosso caminho, temos fé que venceremos, graças á leal coadjuvação que esta redacção tem encontrado sempre em muitissimo se dedicados amigos.

Em seguida publicamos o regulamento adoptado para a organização do novo sport; na commissão que dirigirá este em-

prehendimento está um homem cujo nome é uma garantia; referimo-nos ao sr. Pedro José Ferreira, professor de gymnastica habilissimo e consciencioso apostolo dos exercicios physicos; como um crente que é dos seus physicos, esse nome é penhor de como elles serão applicados.

Segundo os preceitos mais modernos da sciencia medica não queremos que esses exercicios sejam applicados sem a co-opeção d'essa sciencia que é absolutamente indispensavel que os preceda e acompanhe; nem comprehendemos que d'outra fórmula se possa proceder.

O professor de gymnastica pôde ser distinctissimo, mas, o que não está é habilitado a conhecer se o alumno que se lhe entrega tem alguma affecção cardiaca ou pulmonar, o que não está nem pôde estar é habilitado a conhecer, segundo os organismos physicos dos alumnos, qual o exercicio que mais lhe convem applicar; ao cardiaco ou ao tuberculoso não podem ser applicados exercicios eguaes aos de construção forte e robusta.

N'esta orientação que temos, buscámos a coopeção d'um distincto medico e outro apostolo dos exercicios physicos o sr. dr. Affonso de Lemos. Por esta fórmula buscamos que a nossa obra seja o mais completa possível e á altura da nossa epocha.

Agora resta-nos lançar aqui um apello a todos os nossos estimaveis assignantes e leitores para que nos quadjuvem n'esta santa cruzada de regeneração da nossa depauperada raça, porque d'esse trabalho vem fatalmente a regeneração da patria querida.

Aos nossos estimaveis collegas da imprensa pedimos o seu valiosissimo auxilio e pedimol-o tambem a todas as pessoas que se interessem por este tão momentoso assumpto, — a *educação physica*, — mandando-nos as suas adesões para esta redacção.

### Escola Nacional de Natação

Fundada e dirigida pela redacção

DE

## O TIRO CIVIL

### Capitulo I

Artigo 1.º — Com este titlo é fundada em Lisboa uma escola para a aprendizagem da natação e para o desenvolvimento physico que advem de todos os exercicios na agua.

Art. 2.º — Esta escola é fundada pela redacção de *O Tiro Civil*, por ella dirigida e administrada.

### Capitulo II

Art. 3.º — Os fins são: a aprendizagem da natação theorica e pratica, em secco e na agua.

Art. 4.º — O estabelecimento de exercicios annuaes de natação, com premios, taes como: campeonato, travessias no Tejo, e outros.

Art. 5.º — A coopeção com qualquer sociedade na propaganda dos conhecimentos de natação e nos uteis ás dos soccorros e salvação de naufragos.

Art. 6.º — O ensino de natação, corridas e campeonatos são rigidos por regulamentos especies elaborados com todos os preceitos que a sciencia determina.

### Capitulo III

Art. 7.º — Para obter recursos para o custeio da escola, premios para campeonato, corridas e quaesquer outra despesa, será creada uma classe de *socios protectores*.

Art. 8.º — A quota minima para estes socios é de 4\$800 réis por anno.

§ 1.º — Esta quota pode ser paga por uma só vez, ou em 7 prestações, a 1.ª de 1\$800 réis e as restantes de 500 réis cada uma, pagas até 30 de junho de cada anno.

§ 2.º — O periodo para o pagamento da quota em prestações começa em 1.º de outubro.

§ 3.º — Os socios que se inscreverem do 1.º de julho ao fim de setembro pagarão a quota por inteiro.

Art. 9.º — Poder-se-hão obter recursos por qualquer outro meio que se proporcionar.

### Capitulo IV

Art. 10.º — Os socios protectores terão por unico dever pagar em dia as suas quotas.

Art. 11.º — Os mesmos socios terão como direitos e compensação:

§ 1.º — O ensino gratuito da natação para si, para seus filhos ou pupillos.

§ 2.º — O direito de assistirem ás provas finais tendo para esse fim, bem como suas familias, um vapor fretado pela redacção de *O Tiro Civil*.

§ 3.º — O numero de pessoas de familia por que cada socio se poderá fazer acompanhar, será limitado, conforme a concorrência e a lotação do vapor, procurando-se sempre adquirir o que maior numero de pessoas possa transportar e com toda a segurança.

### Capitulo V

Art. 13.º — Para o fiel cumprimento de tudo o preceituado nos artigos antecedentes, será constituida uma commissão permanente composta da redacção de *O Tiro Civil*, juntando-lhe os elementos que ella julgar indispensaveis.

Art. 14.º — Essa commissão terá um presidente, um secretario, um director tecnico, medico, thezoureiro e vogaes.

§ unico — Os membros d'esta commissão são solidarios em todas as suas deliberações.

Art. 15.º — A sede será sempre na redacção de *O Tiro Civil* limitando-se, por consequente, as despesas exclusivamente aos premios e ao restrictamente indispensavel para o bom cumprimento do preceituado nos artigos antecedentes.

Art. 16.º — Os premios serão em objectos d'arte ou em dinheiro, mas tendo sempre em attenção as forças do cofre, de forma a que em todos os annos não sejam excedidos os recursos d'esse anno.

Art. 17.º — A redacção de *O Tiro Civil*, constituida pela forma indicada no artigo 14.º, dirigirá e administrará em absoluto, tudo o que diga respeito ao facil cumprimento do que fica preceituado, tomando as deliberações que julgar necessarias sobre todos os incidentes não previstos.

Lisboa, 7 de outubro de 1901.

Antselmo de Sousa, presidente  
Carlos Callixto, secretario  
Pedro José Ferreira, director tecnico  
Dr. Affonso de Lemos, medico assistente  
Antonio Corrêa Pinho, thezoureiro  
Alvaro de Lacerda, vogal  
F. Zea Bermudes, idem  
Eduardo de Noronha, idem.

## HYGIENE

### Sobre a assistencia voluntaria aos feridos nas batalhas (\*)

A' humanidade philanthropica impõe-se como dever a questão de levar soccorros aos feridos nos campos de batalha. Se Henri Dunant, horrorisado com o que viu



Augusto Moniz

Distinto sportsman nautico, thezoureiro do conselho director do Real Club Naval de Lisboa

na batalha de Solferino, foi o primeiro a levantar um brado em prol dos, que em cumprimento do dever caem feridos, não basta deter o seu nome, como homenagem a um dos maiores benemeritos, que têm apparecido, é preciso continuar o seu es-

(\*) O artigo, que hoje publicamos, é devido á penna de um laureado estudante de medicina, moço tão intelligente como sympathetic, que se dedica com entranhado ardor aos assumptos da sua futura profissão.

E' interessantissimo o facto a que allude, succedido na guerra greco-turca, para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores.

forço e fazer todo o possível para impedir que morram ao desamparo, no meio de cruentos soffrimentos, milhares e milhares de homens nas batalhas, que ainda venham a dar-se. O medico militar norueguez Hans Daae n'um relatório publicado em 1899, horrorisa-se com muita razão pelo que viu, quando addido ao estado-maior de Edhem-Pachá, nos logares, em que se travaram combates durante a guerra turco-grega, excedendo mesmo tudo o narrado por Dunant no seu livro: *Un souvenir de Solferino*. O illustre medico patenteia bem o sentimento de compaixão, despertado na sua bella e nobilissima alma, pelos poucos cuidados, que dispensavam aos feridos turcos, e lavra protesto contra o facto de levarem todos os auxilios para os gregos, por estes parecerem mais sympathicos, esquecendo-se de que na guerra se deve socorrer seja quem fór, sem investigar a qual dos partidos combatentes pertence.

Hans Daae viu transportes de feridos em condições, que fariam enternecer os nossos inclinados ao sentimentalismo, por estradas pessimas, como eram as da Turquia, e sem os conductores dos transportes attenderem aos preceitos consignados ao mesmo serviço, por ignorancia certamente. Hospitais, cheios a mais não poder ser, sem condições hygienicas, enfermos sujeitos a serem infectados nas operações pelos proprios instrumentos cirurgicos; medicos e cirurgiões, habéis alguns d'elles, sobrecarregados de serviço; tudo isto se encontrava na Turquia. N'um hospital, não podiam salvar alguns feridos fazendo a operação da laparatomia, porque não havia tempo, sendo preferivel sacrificar esses por um numero maior d'outros, durante o periodo correspondente ao que duraria aquella operação. Com respeito ao pessoal tecnico, na Turquia não deve merecer confiança, pois que lá pôde um individuo exercer clinica sem ainda ter visto um só doente.

Os turcos confiaram a direcção dos seus serviços de saúde, não a um medico, mas a um chimico, Bonchowsky Pachá a cuja actividade e energia o medico norueguez presta justa homenagem.

E isto tudo acontecia n'um paiz, que faz parte da convenção de Genebra!

Não basta, pois, ter um paiz adherido á convenção com o seu *Crescente Vermelho*, é preciso muito mais, torna-se indispensavel, que n'elle os serviços militares de saúde estejam organizados de modo a evitar, que n'uma guerra os feridos não sejam cuidadosamente pensados e conduzidos.

Deve-se consentir sem magua, nem protesto, que um estado se lance n'uma conflagração armada, não tendo a certeza de que o pessoal medico-castrense possa desempenhar cabalmente as suas funções? Não! Hoje, que se estão aperfeiçoando constantemente os meios de matar homens, devemos tambem e com muito razão aperfeiçoar os meios de lhes diminuir os soffrimentos.

Quem não ha, que não se sinta atterrisado, pensando na sorte dos soldados perigosamente feridos, sós, ou cercados de mortos, muitas vezes em sitio distante de alguma estrada, contorcendo-se com dôres horribes e desesperando da intervenção de qualquer soccorro?

Urge, pois, e n'isso muito se tem trabalhado, tratar sempre e com muita attenção de um assumpto, que tanto se recommenda á attenção de todos aquelles, que se contristam pelas dôres alheias.

Os soffrimentos atrozes, por que passavam os turcos, parece, que seriam mais que sufficientes para os fazerem succum-

bir, pelo menos, para perderem a coragem. Mas não!

No trabalho, a que vimos de nos referir, lê-se a seguinte passagem, bastante expressiva no que respeita á resistencia dos homens da Turquia:

«Comment se fait il que les soldats turcs, ayant tant souffert et privés de toute consolation, n'ont pas perdu courage? C'est que la ferveur religieuse les a soutenus. Et s'ils ne se sont pas plaints, s'ils ont supporté avec la douceur d'un agneau toutes les souffrances, c'est qu'ils possèdent une energie incroyable et une insensibilité complète aux douleurs. Il arrivait souvent que le malheureux, placé sur la table d'operation pour être operé refusait d'être chloroformé. «Donnez moi une cigarette» était sa repoussée laconique á la question s'il voulait se laisser chloroformer. Et fumant sa petite cigarette il supportait des douleurs que très peu d'Européens auraient pu endurer. On m'a même affirmé qu'un soldat s'est laissé trépaner le crâne pour en faire extraire une balle sans être chloroformé, sans laisser échapper une plainte, et qu'il tenait sa cigarette á la bouche pendant toute l'opération.

Malgré le mauvais traitement et malgré l'infection, le nombre des guérisons était assez considérable et la raison était la grande force vitale des Musulmans. Leur chair se cicatrise avec la plus grande facilité et cela tient á leur abstinence absolue des boissons alcooliques. Un vieux chirurgien français avec qui j'ai parlé á Larisse, m'a dit qu'il n'avait jamais rien vu de pareil. Il avait pris part á la guerre de 59 et á la guerre franco-allemande et il s'entendait fort bien au traitement des soldats blessés. Mais il n'avait jamais vu les blessures se cicatriser si facilement. «Un soldat turc», dit-il, «se contente de deux biscuits et d'un peu d'eau par jour; il supporte toutes les douleurs sans se plaindre et leur chair défie toute infection».

Como acabamos de vêr, os turcos resistiam admiravelmente ás provações experimentadas; o que não será, porém, tratando-se de soldados pertencentes a paizes menos fanaticos e em que o alcoolismo concorre tanto para diminuir a vitalidade dos seus homens?

Qual será, pois, a melhor maneira de evitar, que mais uma vez succeda o, que se deu na Turquia em 1897? Os meios mais efficazes para attenuar os soffrimentos dos feridos nos campos de batalha, parecem-nos consistir em as nações no tempo de paz não descurem a instrucção do seu pessoal dos serviços militares de saúde, tendo sempre áhi gente habilitada, em sufficiente quantidade, com material moderno, e dado o caso de estalar um conflicto, supprir algumas lacunas, que se notem n'esses serviços, por meio de ambulancias e de outros recursos organizados por todos aquelles, que se interessam pela sorte e pelos soffrimentos dos seus semelhantes, sem olhar á nacionalidade a que pertençam. E' por estas razões, que todos os individuos, comprehendendo o alcance da assistencia voluntaria na guerra e tendo o coração bem formado, devem auxiliar a sociedade da Cruz Vermelha nas suas obras e fazer conhecer aos outros qual a importancia e o valor moral da santa cruzada, por ella empreendida seguindo a sua divisa: *inter arma charitas*.

JOSÉ MARIA COELHO.

## ESGRIMA

### O MESTRE DE ARMAS

E' pacífico o mestre de armas. Quer a Providencia esta contradicção que chega a ser ironia. E' de paz o que ensina a combater! Nem combate, a valer, sem ser nos combates com os seus eguaes; ou na guerra quando excepcionalmente segue os discipulos que educou.

Accepta elle resignado a isenção: ali, sa-

bendo que a sua superioridade augmentaria a injustiça da decisão de taes lances; aqui, reconhecendo que mais serviços presta formando combatentes do que combatendo elle proprio.

Soffrerá o seu brio quando tenha de supportar calado o agravo; soffrerá o seu amor proprio de que o julguem incapaz de arriscar a vida; e terá até escrupulos de animar o manejo de armas, em cujo gume e fio anda sempre a morte, pondo elle a sua existencia fóra de risco de a perder.

Por isso, tambem ôs interesses e glorias são mais para os que a expõem; o mestre de armas, com os seus poucos recursos e, relativamente, escassas famas, viverá apenas do premio que essa abnegação lhe dará á consciencia vendo os bens que d'ella advem á patria e á humanidade.

E não é com aquella abstenção — que a inveja dos medrosos chamará até egoismo ou mesmo covardia — que uma e outra mais lucram. E' maior, e sem conta, o proveito que a sociedade tira d'este modesto obreiro.

Todos os benefícios que aproveitam á sociedade pelo desenvolvimento da força, formação do character e recreio do espirito que a esgrima dá aos individuos; todos o mestre proporciona, e exalta no fino florear das armas embotadas; todos os sacrificios de vidas que as limpas armas exigem em virtude de prejuizos, de necessidades fataes, ou da vontade d'essa mesma sociedade, todos tambem a sua licção sabe attenuar, aconselhando a poupar a propria existencia, e a só em extremo caso tirar a estranha.

E ninguém lhe impoz a regra.

Seria até do seu maior interesse seguir a opposta para lisongear o espirito dos que o procuram, e que, em poupança de vidas só na sua cuidam.

Fal-o, sim, talvez, pelos taes escrupulos que lhe attribui. e um pouco ainda por prudencia, visto as leis prohibirem os duellos — dos quaes elle mais lucro tira no ensino dos que para elles prepara — mas fal-o, principalmente, por ser bom, como forte que é, esquecendo até, generoso, que o faz em proveito dos que o collocam, como excepção, fora das leis por que se desforça a honra.

Não é rancoroso nem sanguinario; é de paz portanto sempre esse homem, ainda que na licção a sua voz vibrante e breve soe como o clarim dos combates, que os seus olhos faisquem odios, e que o estrado trema com a violencia dos seus ataques.

Nem rancores tem nos duellos com os seus semelhantes. E' mais a arte, é quasi só a arte que o domina; é a vaidade pelo seu jogo, a reputação da sua escola que o arrastam... mescladas ainda com o seu interesse. Onde não entra elle na mais pura acção? Mas são ainda os outros que o impellem a esse espectáculo que pozeram em moda, e em que elle dá, então sim, o seu sangue para os recrear, como se voltassem aos tempos da antiga e devassa Roma!

Se dos quarenta mestres de armas que Souza Viterbo apurou haverem existido em Portugal, não poucos foram espadachins, lá está o perdão regio a que se acolhiam mostrando a penitencia da acção. E como não selo n'essa epoca de aventura, em que na espada se buscava renome, então esse o mais nobre? Até os poetas o eram.

E quando um francez, — Jean Louis — da nossa epoca, prosta, em tresp duellos successivos, tresp mestres de armas italianos, é ainda obedecendo por disciplina aos seus chefes que o faz; e é ainda sempre a arte e mais a honra da patria que o animam para realizar o glorioso e sangrento feito.

E' pro forma, portanto, que o mestre de armas toma esse ar marcial que o retorcido bigode e o empino do corpo acentuam. Sem isso os discipulos desrespeital-o-hiam, esses que veem n'elle a ideal expressão dos combates, e que no assalto julgão invencivel a sua bellicosissima lamina, intangivel o apparatuso plastron que os defronta, e certa a sua estocada.

Fugir-lhe-hiam, até, e é preciso ganhar a vida para não morrer de fome.

Sim, porque os que vão buscar, as suas lições, estão, a maior parte, por si, ou pela sua familia, a coberto das necessidades urgentes da existencia; enquanto elle só d'essas lições tira o seu ganha pão; representam o trabalho da sua profissão, regado, na verdade, com o suor do seu rosto.

A par d'esse empino, e fereza aparente a que a profissão obriga, o gladiador moderno distingue-se em requintes nas maneiras que contrastam com a dureza das armas. Até em doces palavras se excede, por vezes, em animar com o louvor os incipientes discipulos por qualidades que não apparentam possuir. E' porque elle sabe que o magico condão do seu ensino, pode até endireitar corcundas e tirar fructos do, á primeira vista, mais safaro terreno.

Deve, pois, ser o mestre de armas—mesmo para os sonhadores da paz eterna que as reprovam em absoluto—não um reprobato, mas o sacerdote da esgrima; o que na sua elevada missão, ensinando as armas, não deixa de curar de vidas, como outros, tambem na sociedade em condição excepcional á parte, curam de almas.

Lisboa, 17 de julho de 1901.

E. M. B.

## AUTO VELOCIPEDIA

U. V. P.

(União Velocipedica Portuguesa)

Publicações officias

III.º e Ex.º Sr. Alberto Carlos Calleya :

Dignissimo presidente do jury das corridas organisadas pela redacção do *Cyclista* e effectuadas no velodromo do Jardim Zoologico, em 15 de setembro.

Ex.º Sr. — Para os devidos effectos empreme participar a v. ex.ª que a direcção da U. V. P., em sua sessão de hontem, se occupou detidamente dos assumptos de que tratam os officios de v. ex.ª, datados de 16, 19 e 24 de setembro, e que dizem respeito ao corredor José Duarte Quartin.

Pelas informações fornecidas por v. ex.ª e colhidas por outras vias, convenceu-se a direcção da U. V. de que o corredor Duarte Quartin incorreu em dois artigos do regulamento, (102.º alinea a e c, e 52.º).

Quanto á infracção da alinea c do art. 102.º e do art. 52.º do regulamento de corridas, a direcção reconheceu a gravidade do facto e ponderou quanto seria perigoso para o prestigio e auctoridade do jury deixar que os corredores lhe faltassem, por mais levemente que fosse, ao respeito, — pois que no respeito da auctoridade é que está a grande força d'ella, bem como a facil e regular execução da lei.

Assim a direcção da U. V. P. resolveu desqualificar o corredor José Duarte Quartin, pelo espaço de 3 mezes, a partir de 1 do corrente, e que d'esta resolução se dá parte nos termos regulamentares á U. C. I. e aos clubs e velodromos filiados na U. V. P.

Quanto á infracção da alinea a do referido art. 102.º, infracção explicada por v. ex.ª nos seus officios de 16 e 24 do p. p. e que levaram o jury de sua presidencia a desqualificar o referido corredor Duarte Quartin, na tarde de 15 de setembro, ponderou a direcção que o facto d'aquelle corredor ter declarado que tinha ganho o 2.º premio da 6.ª corrida d'accordo com o corredor João Vieira que ganhou o 4.º, é por igual condemnavel para os dois. Se o jury reconheceu e se convenceu de que houve combinação, devia ter desqualificado tanto o corredor João Vieira como o

corredor Quartin, pois que ambos eram culpados egualmente.

Tambem a direcção não se conformou com a forma como o mesmo jury resolveu o incidente levantado por causa da omissão do nome do corredor Francisco Vieira, na lista fornecida ao juiz de partida. E' n'essa conformidade a direcção da U. V. P. resolveu annular a 6.ª corrida, que deverá ser repetida nas condições em que foi organisada.

Eis as resoluções que a direcção da U. V. tomou sobre os assumptos expostos nos officios de v. ex.ª datados de 16, 19 e 24 de setembro e os quaes v. ex.ª se dignará transmittir aos corredores que tomaram parte na corrida annullada e cujos nomes ignoramos, bem como á redacção do *Cyclista*.

Lisboa, secretaria da U. V. P., 20 de setembro de 1901.

O VICE-PRESIDENTE EM EXERCICIO

Anselmo de Sousa

### ECHOS DA QUINZENA

#### O concurso do T. C. F.

O recente e interessantissimo concurso levado a effecto pelo *Touring Club de França*, para a escolha pratica dos melhores travões para bicyclette, veio tornar praticas as machinas de roda livre e preencher uma verdadeira lacuna que havia, e bem visivel para quantos teem a segurança da vida em boa conta e despresam os acrobatismos perigosos.

Com effecto as novas bicyclettes de roda livre que rapidamente se vão generalizando tinham o grave inconveniente de n'uma descida rapida tomarem velocidades perigosas sem que o travão a pudesse dominar.

Mesmo para as machinas de roda captiva o travão até agora usado, ou fosse na roda deanteira, ou na roda motris, não offerecia segura garantia, mormente a cyclistas pouco experientes em grandes descidas.

O resultado do concurso do T. C. F. effectuado nas accidentadissimas estradas de Grenoble, veio preencher, repetimos, essa grande e sensivel lacuna. Entre as numerosas machinas que figuraram n'esse bello e util certamen provou-se como já aqui tivemos occasião de dizer, que os travões de mais seguros resultados eram os que actuavam sobre a roda de traz; não sobre os cubos, mas sobre o áro da roda. O travão montado n'estas condições domina e segura por tal forma o andamento da mechina que pára facilmente exercendo-se uma pressão maior na alavanca que existe, como nos trovões ordinarios junto ao guidador.

Ora isto é, quanto a mim, o melhor e o mais completo desideratum a que se pôde chegar.

Com um bom travão moderno acabou, portanto, o perigo das grandes descidas que teem causado tantas victimas entre cyclistas insensatos ou inexperientes.

Resta, porem, que os novos travões se vão generalizando e que todos os cyclistas velhos e novos, corredores ou simples touristes se convensam de quanto é perigoso aventurarem-se a uma grande descida, confiados apenas na ligeireza dos seus musculos ou na facilidade que teem de travar a roda com o pé. Os musculos por mais rijos que sejam falham n'uma grande descida e a serenidade perde-se. Quando a machina toma uma velocidade estonteadora e o perigo se desenrola terrivel e ameaçador, raros serão os que ousarão tirar o pé do pedal para fazer travão.

De resto não é meio kilo, ou um kilo que tanto pode pesar o travão, que vae sobrecarregar sensivelmente a machina e cançar o velocipedista.

E' por fanfarrice, ou por *pose* que não usam?

Triste razão essa que nos pode custar a vida.

O passeio do R. C. V. P. :

Depois de um ou dois meses de corridas, todos os domingos, em pista e em estrada, em Lisboa e por esse paiz fóra, temos, n'estes bellos e alegres dias de outomno as excursões e passeios officias dos clubs e dos grupos velocipedistas onde n'uma grande e deliciosa confraternisação entre o homem e a natureza, a gente vê decorrer as horas n'uma boa tranquillidade, rapidamente, suavemente.

Entre alguns d'esses passeios a que ultimamente me foi dado o grato prazer de assistir apraz me destacar o do Real Club Velocipedista de Portugal, cuja direcção, sempre fidalga e amavel teve para esta revista as mais captivantes attentões.

O R. C. V. tem um passado brilhante; na historia da velocipedica portugueza inscreveu as mais bellas paginas e nenhuma associação das suas congeneres tem mais gloriosas tradições nem levantou mais alto o pendão do nosso querido sport.

Foi a primeira que se fundou em Portugal; foi á sombra da sua bandeira que se reuniram os primeiros elementos cyclistas do paiz; a primeira que promoveu corridas e que alinhou em pista corredores que ainda hoje occupam logares brilhantes e que ainda são lembrados com saudade e com entusiasmo, taes como: José d'Orey, Eduardo Minching, José Bento Pessoa, Manuel Ferreira e tantos outros que, não sendo estrelas de primeira grandesa no firmamento cyclista, nem por isso deixaram de engrandecer o club a que pertenciam e o sport a que se dedicavam.

Estes nomes e os de todos os que se ouvia citar e applaudir, quando entregue aos sonhos radiosos e dominadores da politica, mal cuidava de coisas sportivas; esses nomes, esses factos constituem tradição brilhantissima da gloriosa associação de que venho fallando, fazem parte do seu passado que, por momentos parecia ter morrido, mas que um punhado d'homens dedicados e intelligentes, está fazendo reviver, creando novos dias de gloria, escrevendo novos feitos no seu livro d'ouro, reformando e engrandecendo emfim a mãe das associações velocipedicas portuguezas.

E' assim que no mez passado realisaram as suas corridas annuaes na pista do Jardim Zoologico e das quaes nos occupámos opportunamente e, no penultimo domingo, effectuava-se o segundo passeio official d'este anno.

O local escolhido foi Bucellas, essa aldeiasinha formosa e alegre, tão minha predilecta pela lha-neza do trato dos seus moradores, pela poesia que a reveste, pela alvura das suas casas, pela encantadora paysagem que a rodeia e que até lá nos conduz

Ao banquete que se seguiu ao passeio delioso e por uma fresca manhã, presidiu o sr. Corrêa de Sá, intelligente e dedicado vice-presidente do R. C. V., que tinha á sua direita o modesto signatario d'esta secção, como delegado da U. V. P. e á sua esquerda o sr. Augusto de Freitas delegado do S. C. Defrontando a presidencia ficaram os srs. Costa e Silva e L. Motta, directores do R. C. V. P. e aquem esta associação deve relevantes serviços pelo seu zelo e pela limpidez dos seus caracteres e rasgada iniciativa.

Uma outra mesa era presidida pelos srs. Fernandes e Carlos Seabra, o sympatico campeão do R. C. V.

Foi esplendido d'alegria e de bella confraternisação esse almoço cujo menu faz honra ao modesto Vatel de Bucellas.

Os brindes considerados officias pela feição especial e pelo caracter das individualidades ou instituições a que eram dirigidos, decorreram tão cheios de cordealidade e compostura, como foram entusiasticos e animados os que se lhes seguiram.

A alegria e a animação que presidiu ao almoço foram ainda realçadas por um bello repertorio excellentemente tocado pela philharmonica Bucellense que, conjunctamente com o povo da terra já havia feito a sua agradável recepção aos cyclistas.

Pela tarde depois dos «campeões da placa sensivel» amadores e proficnaes, terem operado e tirado um sem numero de photographias, houve corridas na estrada da Romeira a Bucellas (2 kilometros), para juniors e seniors.

Nas primeiras tomaram parte os srs: Luiz de Oliveira, Alfredo de Mattos Vieira, L. Motta, José Paulo do Sacramento, Henrique da Silva, Luiz Saravia e Carmo Dias.

Ganhou o 1.º premio, medalha de vermeil, o sr. Motta; o 2.º, medalha de prata, o sr. Sergio de Oliveira e o 3.º, medalha de prata, o sr. Mattos Vieira.

Nas segundas entraram os srs. Carlos Seabra, Armando Crespo, Sergio d'Oliveira, Benites e Vieira. Os tres premios: uma medalha de vermeil e duas de prata, foram respectivamente ganhos pelos srs. Seabra, Crespo e Oliveira.

O jury foi assim constituído: presidente, Carlos Callixto, delegado da U. V. P.; commissarios,

Costa e Silva e Corrêa de Sá; juiz de partida, Augusto de Freitas, delegado do S. C., juiz de chegada Carlos Roiz; cronometrista, Jorge Fernandes.

Eis: n'uma resumida, muito resumida noticia, o que foi o segundo passeio annual do R. C. V. P., uma das mais bellas festas sportivas a que nos tem sido dado assistir.

Terminando, agradecemos profundamente reconhecidos, todas as attentões e amabilidades inextinguíveis que a direcção do benemerito club nos dispensou, individualmente, e ao *Tiro Civil* nunca esquecido em todas as suas festas.

#### Passeio do V. C. L.:

Do passado domingo realison-se o segundo passeio official, d'este anno, organizado pela direcção do V. C. L.

Pela imprensa diaria — pois que esta revista não foi convidada para tal festa — soubemos que tanto o passeio como as corridas d'obstaculos e negativas foram coroadas do melhor exito.

Ao almoço que se realisou n'um dos hotéis de Cascaes presidiram os srs. D. Fernando Pombeiro e Jayme Arthur da Costa Pinto ladeados pelo delegado da U. V. P., o nosso presado amigo sr. Magalhães Peixoto, digno thesoureiro da União e pelos delegados dos clubs de sport de Lisboa, representantes de jornaes etc. Fizeram-se muitos e effectuosos brindes ao V. C., a U. V. aos srs. Costa Pinto e Pombeiro; a José Beirão, e á imprensa.

#### Ao *Cyclista* e ao sr. Calleya:

O *Cyclista* volta á carga na questão da medalha. Reconhece o nosso amigo Calleya que os regulamentos da União Velocipedica não auctorisam a sua direcção a conceder medalhas além dos casos que no passado numero citámos, mas entende que «se se tratasse de uma outra revista que não fosse de sport mas que organisasse umas corridas, o proceder dos directores da União, seria outra muito diferente.» Talvez fosse mórmente se não se tratasse de um jornal que sendo órgão adscripto lhe voltou as costas aos primeiros rebates de uma campanha vil.

Pois então? queria o sr. Calleya que a União fosse auxiliar corridas — de interesse mais esportivo do que sportivo — organisadas por um jornal que a tinha abandonado sem razão nenhuma plausivel e no momento em que lhe eram precisas todas as dedicações?

Quería isso: bem o sabemos e a prova é que foi o auctor da proposta; queria isso porque, certamente, solidario com o procedimento do *Cyclista* continuou sendo seu redactor, mesmo depois d'aquelle semanario ter voltado costas á União.

Pois os restantes membros da direcção é que o não entenderam assim, e fizeram muito bem. O sr. Calleya quer, ao que parece, attribuir ainda a resolução da União Velocipedica a influencia de «individualidades que não podem supportar a existencia do *Cyclista*». O raciocinio, além de absurdo é falso.

Se se quer referir a nós, bastará recorrer á collecção da referida revista para lá encontrar basta collaboração nossa e no periodo mais critico do *Cyclista*, e desafio mesmo o seu director a dizer... mas adiante que não gostamos de alardear serviços.

Se o sr. Calleya se quer referir ao director do *Tiro Civil*, pergunte ainda ao sr. Augusto Rato, se não encontrou n'elle o melhor acolhimento e auxilio, sempre que precisou utilizar-se do material d'esta revista.

Quanto á recusa do *starter* já a explicámos, e ainda agora a justificamos mais cabalmente nas rasões que ficam expostas.

E agora é que podemos pôr ponto final na questão, amigo e sr. Calleya. Mas se o não entender assim continuaremos a derimir responsabilidades.

◆ Tambem o *Cyclista*, no seu passado numero, com ares de quem nos dá uma lição, diz que nós transcrevemos d'aquelle jornal o resultado das corridas realisadas no Jardim Zoologico e não citámos a proveniencia da prosa.

#### Enganou-se o *Cyclista*.

A transcrição foi feita do programma das corridas, addicionando-lhe apenas os nomes dos vencedores de cada uma.

#### Pouco mais ou menos o que o *Cyclista* fez.

Quanto á prosa creia que lh'a respeitamos... Á prosa e a grammatica.

#### Corridas em Espinho:

Realisaram-se no dia 6 em Espinho corridas de bicycles promovidas pela colonia balnear d'aquelle formosa praia.

A concorrência de gente de Espinho, das povoações visinhas e do Porto foi consideravel, imprimindo á avenida Serpa Pinto e ruas proximas do torneio um aspecto magnifico, reinando

entre todos sempre grande alegria e enthusiasmo.

Foi juiz da partida o sr. J. de Magalhães C de Queiroz; de chegada, o sr. Pereira Leite: chronometro, o sr. Camillo de Almeida e fiscaes de pista os srs. João Nunes, Fernando de Oliveira e Jayme Vallado.

Os premios eram constituídos por medalhas de ouro, prata, cobre e vermeil.

Na primeira corrida para seniors, ganhou o primeiro premio o sr. João F. da Silva; o segundo, o sr. Arthur da Silva Rocha; e o terceiro, o sr. Oscar Mudat.

Na segunda corrida foi conferido o primeiro premio ao sr. Thomaz Castro; o segundo, ao sr. Luiz Marques Merino; e o terceiro, ao sr. Fernando Pinto Moreira.

Na terceira corrida alcançou o primeiro premio o sr. Lucas Bento Real; o segundo, o sr. Antonio Fernandes Junior; e o terceiro o sr. Joaquim Teixeira da Silva Junior.

Na quarta corrida, por crianças, obteve o primeiro premio o menino Oscar Pinto Moreira; o segundo, o menino José Castro; e o terceiro, o menino Roberto Fernandes.

Na quinta corrida, mixta, alcançou o primeiro premio o sr. Lucas Real; o segundo, o sr. J. Teixeira da Silva; e o terceiro, o sr. Antonio Fernandes Junior.

Ao terminar a segunda corrida partiu-se a corrente da machina montada pelo sr. Thomaz Castro, que foi de encontro ao resguardo d'uma arvore, ferindo-se bastante na cabeça.

#### NOTAS SOLTAS

No passado numero demos o resultado minucioso das corridas do *grand-prix* cyclista de Paris, vamos hoje publicar a importancia dos premios ganhos pelos diversos corredores que se conseguiram classificar nas preparatorias, meias finais e final:

Ellegaard, 6.700 francos. — Rutt, 2.045 — Bouhours, 1.800. — Arend, 1.450. — Linton, 1.000 — Baugé, 400. — Kudela, 350. — Millo, 320. — Van den Born, 300. — Jue, 295. — Kaeser, 250. — Ferrari, 250. — Brécy, 210. — Green, 200. — Taylor, 200. — Gascoyne, 150. — Deleu, 100. — Conelli, 100. — Gentel, 100. — Tommaselli, 100. — Eros, 75. — Bonnevie, 60. — Momo, 50. — Vasserot, 50. — Bourotte, 50. — Jacquelin, 50. — Gougoltz, 30. — Anzani, 25. — Didier-Nauts, 25. — Poulain, 10. — Balajat, 10.

◆ Lembram-se os nossos leitores d'aquelle velho Rousset que tomou parte na grande corrida Paris Brest e de quem aqui falámos circumstanciadamente? Pois saibam que a U. V. F. lhe retirou a classificação d'amador... por ter consentido que com o seu nome fizessem reclame á marca da machina que elle montava.

Se cá oussassem fazer tal... O' ceus!

◆ Uma anedocta interessante:

Conta um jornal estrangeiro que pouco depois do actual imperador da Russia subir ao throno sahiiu um dia, fardado de coronel, a passear em bicyclette; era entusiasta das grandes velocidades, distanciou-se da sua comitiva; a certa altura sentiu qualquer desarranjo na machina e desceu para a examinar; eis que passa um general que reparando que o cyclista se não perfilára á sua passagem e ignorando ser o czar, interrogou-o severamente:

— Porque me não fazes a continencia?

— Peço desculpa, respondeu humildemente, Nicolau II, mas eu sou imperador ha tão pouco tempo que ainda não conhecia v. ex.<sup>a</sup> De futuro cumprirei melhor com os meus deveres.

E continuou a examinar a bicyclette.

◆ Lesna e Guerin estão fazendo successo no circo Olimpia, de Paris, onde foi armada uma pista de... 24 metros! N'este velodromo minuculo com *relévé* de 60 graus, tem os dois *sprinters* realizado grandes corridas *persuite* e contra relógio, com grande exito.

#### Grandes provas da U. V. F.:

Não decipada ainda a impressão causada pelo *grand prix* de Paris, eis que os corredores se alinham novamente em pista, agora na do Parque dos Principes, para disputarem o *grand prix* da U. V. F. cujo programma publicámos no passado numero.

A lista dos *sprinters* foi quase a mesma com excessão de Arend e Ellegaard, que foram a Colonia disputar o campeonato da Europa que, diga-se de passagem, foi ganho por Arend.

Rutt se não foi tão feliz no *grand prix* da U. V. F. como no de Paris, nem por isso deixou de assignalar-se brilhantemente. O grande corredor despedalou-se no arranco final por se lhe ter que-

brado uma das correias que lhe ligavam os pés aos pedaes.

Quanto a Jacquelin não conseguiu rehabilitar-se por completo da derrota que soffreu em provas anteriores, mas correu valentemente.

O resultado final do *grand prix* foi o seguinte: 1.º Conelli (italiano) 2.º Jacquelin (francez) 3.º Van den Born (belga).

Eis a lista dos vencedores do *grand prix* da U. V. F. desde a sua instituição:

1894 1.º Zimmerman, 2.º Banker, 3.º Edwards.  
1895 1.º Banker, 2.º Morin, 3.º Bourrillon.  
1896 Não houve.  
1897 1.º Morin, 2.º Nossam, 3.º Bourrillon.  
1898 1.º Deschamps, 2.º Grogna, 3.º Parly.  
1899 1.º Tommaselli, 2.º Grogna, 3.º Louvet.  
1900 Annulada.  
1901 1.º Conelli, 2.º Jacquelin, 3.º Van den Born.

O *grand prix* foi acompanhado d'outra prova tambem classica e muito importante a corrida de tandens, que foi ganha pela *equipe* Mayer-Rutt.

◆ No dia 6 e 13 foram corridas mais duas das grandes provas da U. V. F. — os campeonatos de França, de velocidade e de fundo. O primeiro foi ganho por Jue e o segundo por Bohnours.

CARLOS CALLIXTO.

## MOSAICO

### AS NOSSAS GRAVURAS

Ernesto Vieira

Em artigo especial, firmado pelo brilhante escriptor e nosso particular amigo Gomes de Brito, na secção *Arts & Letras*, se trata de Ernesto Vieira, com cuja amizade muito nos honramos e em nome da qual lhe pedimos que nos releve esta surpresa, que hoje lhe fazemos, filha unicamente do nosso muito respeito pelo seu caracter e pelo seu talento.

### O desembarque das vencedoras

E' um episodio da ultima regata realisada em Cascaes, no dia 29 de setembro passado, á qual já nos referimos largamente em o nosso numero passado.

O instantaneo é do sr. Francisco Hogan Teves, um consciencioso amator photographico, cujo talento se revela em todos os seus trabalhos, pela nitidez, correção, e ainda pela escolha do momento, o que é um segredo de bom amator.

Carlos Duff

Era nosso intuito ha muito publicar a sua gravura, porque á muito queriamos prestar esta homenagem ao illustre secretario do conselho director do *Real Club Naval de Lisboa*.

As suas excellentes qualidades pessoases que o tornam querido de quantos o conhecem e se honram com a sua amizade, são realçadas com as suas qualidades de trabalhador activo e intelligentissimo.

O *Real Club Naval* deve-lhe muitissimo, e difficil lhe será, saldar com Duff a conta de amor, quasi paixão, que este lhe dedica. E' um fanatico pelo seu club.

Esta revista honra-se publicando hoje a sua gravura e presta sincera homenagem ao distincto *sportsman* que tanto se impõe pela lealdade do seu caracter e pela sua muita illustração e fina intelligencia.

Augusto Moniz

E' o thezoureiro do *Real Club Naval de Lisboa*. A dedicação e o trabalho do illustre *sportsman* é de molde a surpreender-nos; que prova de dedicação precizará o *Real Club Naval* que Moniz lhe não dê. Os seus collegas que o digam, alma grande e generosa elle está sempre bem com a sua consciencia e com os seus amigos.

Nós que pouco o conhecemos, temos por elle a mais sincera admiração e folgamos de lhe podermos prestar esta pequena homenagem, com que o *Tiro Civil* muito se honra.

### VISITA

Tivemos a honra da visita, n'esta nossa redacção, do sr. Joaquim do Nascimento Lobato Junior, digno receptor em Aviz o nosso antigo assignante e concocio na U. A. C. P. Os nossos agradecimentos.

CONSULTORIO DENTARIO Satorio Augusto Paiva, Cirurgião dentista

◆◆◆◆◆ pela escola de Paris. = Doenças de bocca e dentes.

RUA DE SANTA JUSTA, 60, 2.º